

Mulheres indígenas, corpos e vozes da floresta: a palavra, oral e escrita, como resistência!

*Indigenous women, bodies and voices of the forest:
the word, oral and written, as resistance!*

Sandra Neves Teixeira*

Resumo

Este artigo propõe uma leitura crítica e poética das obras *Banzeiro Ôkôtô*, de Eliane Brum, e *A Queda do Céu*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, articulando-as com reflexões sobre a transitoriedade, a fragilidade e a resistência indígena no Brasil. A escrita é abordada como gesto insurgente, capaz de denunciar múltiplas camadas de opressão – ambiental, epistemológica e patriarcal – e de reconectar corpo, floresta e linguagem. A autora se posiciona como corpo afetado, em metamorfose com a floresta, e convoca novos paradigmas para adiar o fim do mundo, inspirada por pensadores indígenas como Davi Kopenawa, Ailton Krenak e a jornalista Eliane Brum.

Palavras-chave: Resistência indígena. Escrita insurgente. Opressão epistemológica. Violência ambiental. Transitoriedade. Fragilidades. Corpo-floresta. Paradigmas decoloniais. Amazônia. Fim do mundo. Ailton Krenak. Davi Kopenawa. Eliane Brum.

Abstract

This article offers a critical and poetic reading of the works *Banzeiro Ôkôtô* by Eliane Brum and *The Falling Sky* by Davi Kopenawa and Bruce Albert, weaving them together with reflections on transience, fragility, and Indigenous resistance in Brazil. Writing is approached as an insurgent gesture, capable of denouncing multiple layers of oppression – environmental, epistemological, and patriarchal – while reconnecting body, forest, and language. The author positions herself as an affected body, in metamorphosis with the forest, and calls for new paradigms to postpone the end of the world, inspired by Indigenous thinkers such as Davi Kopenawa, Ailton Krenak, and journalist Eliane Brum.

Keywords: *The Falling Sky*. Indigenous resistance. Environmental oppression. Patriarchal oppression. Transience. Fragility. Forest. Language. Insurgent writing. Decolonial paradigms. Amazon. Eliane Brum. Davi Kopenawa. Ailton Krenak.

* Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. sandrateixeira1965@gmail.com

Entendi logo que os garimpeiros eram verdadeiros comedores de terra e que iam devastar tudo na floresta. Essas novas palavras me vieram aos poucos, durante minhas viagens por nossa terra e entre os brancos. Fixaram-se em mim e aumentaram aos poucos, ligando-se umas às outras, até fazer um longo caminho em minha mente. Foi com elas que comecei a falar nas cidades, embora minha língua parecesse, em português, ainda tão torta como a de um fantasma.

(Davi Kopenawa, xamã e diplomata do povo Yanomami)

Ao longo do ano de 2025, o tema sobre *Transitoriedade: fragilidades e aberturas* vem guiando nossos estudos e discussões no CPRJ. Essas palavras, direta ou indiretamente, também serão o meu mote e inspiração para falar sobre as questões indígenas e climáticas no Brasil. Num primeiro momento senti medo do desafio – ainda sinto – pela responsabilidade de falar de assuntos que são silenciados diariamente nas cidades e na cultura do homem branco. Tudo é tão frágil e transitório, e as palavras, que tendem a fixar e imortalizar, passaram a me amedrontar. Pensei em Clarice Lispector: “O medo era vertical demais no tempo para deixar vestígios na superfície.”

Ando acanhada em escrever, em fixar ideias que já me soam ultrapassadas em um tempo de urgências. Temo que minhas palavras fiquem presas numa folha de papel. Mais do que uma folha de papel – eternizada no tempo do homem branco – venho me transformando em floresta, numa espécie de metamorfose. Fragilizada, me permito sentir na pele – como a floresta, os bichos e todos os seres vivos – o efeito de nossas ações. Eu chego a adoecer e, às vezes, choro e sangro quando ela, a floresta e todos os seus seres viventes, são brutalizados.

Como a jornalista Eliane Brum, tenho sido tomada por um imenso banzeiro. Mas o que significa a palavra *banzeiro* para o indígena e o povo ribeirinho? Para o povo do Xingu, significa o território de brabeza do rio. “É onde, com sorte, se pode passar; com azar, não. É um lugar de perigo entre o de onde se veio e o aonde se quer chegar. Quem rema espera o banzeiro recolher suas garras ou amainar. E silencia, porque o barco pode ser virado ou puxado para baixo de repente. Silencia para não acordar a raiva do rio”, revela a jornalista. Eliane conta – desde 2017, quando se mudou para Altamira, na Amazônia – que o banzeiro se mudou do rio para dentro dela. “Não tenho fígado, rins, estômago como as outras pessoas. Tenho banzeiro. À medida que me aprofundo nas histórias da Amazônia, que me deixa guiar por sensibilidades experientes, vou compreendendo o banzeiro do rio e do povo do Xingu”.

Aliás, peço licença para esclarecer que serei guiada pelos livros *Banheiro Ókotó: uma viagem à Amazônia centro do mundo*, de Eliane Brum; *A Queda do Céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert; e *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak – assim como por muitos pensadores indígenas, poetas e escritores que conversam comigo e povoam meus pensamentos. Preciso desse conhecimento compartilhado para caminhar, sem me perder, nesses territórios, línguas e culturas pouco conhecidas pelo homem branco das cidades e do Ocidente.

Krenak nos desafia a pensar: “O que aprendi ao longo dessas décadas é que todos precisam despertar, porque, se durante um tempo éramos nós, os povos indígenas, que estávamos ameaçados de ruptura ou da extinção dos sentidos das nossas vidas, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda”.

Procurarei fazer aqui, neste artigo, uma leitura crítica e poética de *Banheiro Ókotó* e *A Queda do Céu*. As duas obras são atravessadas por experiências corporais e coletivas de violência, resistência e reconexão com a floresta. A escrita é abordada como gesto insurgente, capaz de denunciar as múltiplas camadas de opressão – ambiental, epistemológica, patriarcal. As vozes de Brum e Kopenawa costuram um território ético onde corpo, natureza e linguagem convergem em um tempo de urgências. Escrever, então, é não se deixar silenciar; é ser voz ativa e resistência; é tornar-se também travessia e escuta. É também uma necessidade de tocar o mundo com palavras vivas.

Eliane Brum denuncia: “A castanhinha é o clitóris da floresta. Os garimpeiros a arrancam com o jato d’água”. Essa analogia visceral entre floresta e corpo feminino revela uma lógica colonial que converte vida em recurso e desejo em dominação. O extrativismo que rasga a Amazônia é o mesmo que violenta corpos historicamente silenciados. Ao afirmar que tem banheiro onde antes tinha órgãos, Brum revela que a floresta deixou de ser paisagem para se tornar víscera:

Desestruí-me no Xingu. E desestruturar-se é arriscado, porque uma vez que acontece não há retorno. Significa que você não pode se conformar a uma estrutura de pensamento único. E com isso, jamais voltará a se sentir confortável, talvez nem mesmo poderá voltar a ser coerente. Você se descobre deformado (...) Deformado você pode se transmutar em múltiplas formas, e isso é incrivelmente assustador. (BRUM, 2021).

O contato com a floresta transforma o corpo e a escrita da jornalista em um movimento bravo do rio: símbolo de sua agitação interna. Escrever, neste

contexto, é um gesto ritual: denunciar, curar, resistir. Em um mundo no qual o céu ameaça desabar todos os dias, escrever é erguer pequenas pontes entre mundos. Eliane Brum e Davi Kopenawa oferecem uma escrita viva: feita de dor, escuta e coragem. A floresta – como os corpos femininos – continua sangrando. Mas, nas frestas da linguagem, ainda brotam sementes. As vozes que resistem com palavras – não como verdades fixas, mas como instabilidade fértil. Porque, quando tudo desaba, a palavra ainda serve de travessia.

Kopenawa e o colapso dos mundos

Todos os seres que moram na floresta têm medo
de ser eliminados pela imensidão do céu, até os espíritos.
(KOPENAWA, 2015)

Na cosmologia Yanomami, a queda do céu já aconteceu – o colapso não é profecia, é memória. Kopenawa escreve com palavras herdadas dos mais velhos, tentando sustentar o céu com os saberes dos xapiri. Sua escrita, mesmo atravessada pela língua dos brancos, carrega a dança dos espíritos e a dor dos desaparecimentos. “As palavras que os brancos põem no papel não ficam velhas, e mesmo quando os seus donos morrem, elas continuam vivendo.” Aqui, o papel – pele branca – torna-se território de insurgência. A palavra escrita é arma e encantamento.

O povo Yanomami usa a palavra *napë* para inimigo. No entanto, essa mesma palavra significa também branco – que, neste caso, não depende de cor, mas, segundo Davi Kopenawa, refere-se àqueles que pertencem ao “povo da mercadoria” ou “comedores de floresta”. Nada mais justo, afinal, porque há mais de 500 anos chamamos os povos originários de “índios”, sem levar em consideração que são, atualmente, mais de trezentos povos, e que falam mais de duzentas línguas diferentes. Brum criou um conceito para definir sua condição de branca num país estruturalmente racista: o conceito de “existir violentamente”.

Ser floresta é tomar partido daquilo que é silenciado

A floresta é corpo. Ela respira, sangra, fala. Nas palavras de Eliane Brum, ao decidir “virar floresta”, ela abandona a neutralidade jornalística e mergulha na

urgência de ser território ameaçado. Sua escrita não observa de fora – ela se transforma, planta o pé na terra e faz do texto raiz e resistência. “A floresta está sendo destruída porque se acredita que ela não fala. Mas ela fala. E eu quero escutar.” Essa escuta radical é também escrita radical. Portanto, ser floresta é tomar partido daquilo que é silenciado – e isso aproxima a experiência da floresta à dos corpos violentados, especialmente o corpo da mulher que, como território, é invadido, colonizado e explorado. A palavra escrita é um gesto de plantio. A cada frase, uma semente. Em cada pausa, o fôlego de uma árvore. Eliane entende que resistir não é apenas denunciar: é encarnar a dor e transfigurá-la em linguagem. “Não sou mais jornalista no sentido clássico. Sou alguém que escolheu estar dentro”. A escrita que emerge daí não é adornada: é urgência. É como diz Conceição Evaristo, no livro *Olhos D’água*: “Escrever é uma maneira de sangrar”.

Davi Kopenawa e a queda do céu

Davi Kopenawa, por sua vez, não escreve apenas com palavras, mas com cosmologia. Ele alerta que o céu está por um fio – prestes a desabar sobre os Yanomami. Em *A Queda do Céu*, suas palavras são xapiri em movimento: espíritos que dançam para manter o mundo vivo. Kopenawa nos convoca a enxergar o que foi deixado invisível – o vínculo sagrado entre floresta e vida. Sua denúncia é um grito que atravessa séculos de violência. Ele afirma: “Os brancos não escutam a terra. Não escutam o céu”. A escuta, portanto, é o início da resistência. Escrever é escutar o que foi calado – a floresta em chamas, o corpo em luta, os povos originários em travessia. Cada parágrafo é uma reza que sustenta o céu antes que ele desabe por completo. Assim, escrever se torna um ato de coragem e comunhão. Uma forma de devolver à floresta sua voz, sua pele, sua memória. E devolver ao corpo feminino sua dignidade e presença. A escrita não se conforma – ela desobedece. Ela finca pé. Ela sangra.

Escutar é uma forma de reconhecer o outro, na sua individualidade e dignidade. Trata-se, pois, de um ato ético e político, tanto mais relevante quanto esse outro for diferente de nós. Amar o próximo não me parece difícil — difícil é amar o distante. Admiro as pessoas que praticam esse amor radical, procurando escutar não apenas os restantes seres humanos, mas também as diversas formas de vida que partilham conosco o planeta Terra. (AGUALUSA, 2025).

Ética do cuidado e urgência de agir

A cultura do medo e da violência, além de matar diariamente, silencia aqueles que ousam se importar. A indiferença pode nos transformar em mortos-vivos. O excesso de maldades, absurdos e perversidades praticadas – e intensificado desde 2018 – é uma das estratégias adotadas para nos anestesiarmos e tirar nossa capacidade de agir. Freud já havia encontrado uma saída digna para o narcisismo: o investimento no outro. Quando amamos e desenvolvemos nossos afetos, somos capazes de deixar de lado o nosso egoísmo. Portanto, traçar um futuro – ou vislumbrá-lo – só é possível a partir da existência de um outro, da possibilidade de amar e cuidar. A ética do cuidado.

Edson Lannes, membro fundador do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e falecido recentemente, nos deixou uma bússola fundamental no livro *Gramática dos Afetos* para lidar com diversidades e adversidades. “Seria uma inclinação à paralisia, à inércia? Ora, somos movimento. Não se pode, sem grave prejuízo, abrir mão do modo criativo de se aperceber do mundo, perdendo a capacidade de espanto, de se inquietar.” E Lannes vai além e nos inspira: “Não é útil que as sociedades psicanalíticas pretendam ser um lugar de certezas. É preciso que sejam um lugar de busca, de curiosidade, de dúvida”. Não é mais possível apagar, encapsular e silenciar essas violências diárias no nosso cotidiano. Onde está a nossa humanidade, empatia, compaixão e capacidade de pertencimento? Estamos sendo convocados com urgência a agir!

Somos humanos e, assim como Krenak, Kopenawa e Brum, temos as ferramentas para adiar o fim do mundo. Para isso, precisamos lidar com esses horrores, mentiras e silenciamentos com as melhores armas: a consciência, a palavra que cura, a ética e a capacidade de se importar. Vamos trazer de volta a fruição, a capacidade de se afetar e de apostar no futuro!

Tramitação

Recebido 16/09/2025

Aprovado 22/09/2025

Referências

AGUALUSA, J. E. Amar o distante. *O Globo*, 24 mai. 2025.

BRUM, E. *Banzeiro* Òkòtò: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANNES, E. *Gramática dos Afetos: Edson Lannes e a psicanálise*. Jô Gondar, Maria de Fátima de Amorim Junqueira (Orgs.). Curitiba: Juruá, 2016. 152p.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.